



REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

ARTIGO | Fluxo contínuo

Didática na educação superior em interface com a cibercultura: achegamentos aprendentes alinhavados no cotidiano

Didactics in higher education in interface with cyber cultura: learning outcomes weaved in everyday life

Didáctica de la educación superior em interfaz com la cibercultura: enfoques de aprendizaje alineados en la vida cotidiana

Sandro Tiago da Silva Figueira
Helena Amaral da Fontoura

RESUMO

Exploramos no texto em tela os princípios da didática no ensino superior, em diálogo com a cibercultura, na ambiência cotidiana de uma universidade federal do interior fluminense no sentido de sinalizar possibilidades de ensino-aprendizagem mediadas pelas tecnologias digitais no ciberespaço. O fundamento teórico-metodológico se assenta na pesquisa-formação para entender as narrativas discentes textualizadas nos diários digitais de formação. Apreende-se possíveis brechas autorais conjugando o conhecimento pedagógico e experiencial à concepção de aprendizagem em rede como enfrentamento às interferências no ensino sob a ótica da racionalidade técnica.

Palavras-chave: didática no ensino superior; cibercultura; docência; aprendizagem.

ABSTRACT

We explore in the text on screen the principles of didactics in higher education, in dialogue with cyberculture, in the daily environment of a federal university in the interior of Rio de Janeiro in order to signal possibilities of teaching-learning mediated by digital technologies in cyberspace. The theoretical-methodological foundation is based on research-training to understand the textualized student narratives in the digital training diaries. Possible authorial gaps are apprehended, combining pedagogical and experiential knowledge to the conception

of network learning as coping with interferences in teaching from the perspective of technical rationality

Keywords: didactics in higher education; cyber culture; teaching; learning.

RESUMEN

Exploramos en el texto en pantalla los principios de la didáctica en la educación superior, en diálogo con la cibercultura, en el entorno cotidiano de una universidad federal en el interior de Río de Janeiro para señalar las posibilidades de enseñanza-aprendizaje mediado por las tecnologías digitales en el ciberespacio. La base teórico-metodológica se basa en la investigación-formación para comprender las narrativas textualizadas de los estudiantes en los diarios digitales de formación. Se aprehenden posibles brechas autorales, combinando el conocimiento pedagógico y experiencial con la concepción del aprendizaje en red como hacer frente a las interferencias en la enseñanza desde la perspectiva de la racionalidad técnica.

Palabras-clave: didáctica de la educación superior; cibercultura; enseñanza; aprendizaje.

Introdução

Pensar a didática na educação superior nos leva a compreender a universidade e o seu papel na ambiência político-social em que se encontra imersa. Como instituição social a universidade não é neutra ao contexto sócio histórico e socioeconômico, recebendo influências das forças, interesses e da própria cultura que a originou.

Com uma função transecular de crítica ao presente, a universidade traceja sua itinerância na direção de humanizar a sociedade e de possibilitar a todos os seres humanos o acesso aos avanços historicamente produzidos, conforme apontam Veiga e Silva (2020), Cruz (2017), Almeida e Pimenta (2014) e Veiga (2006). Entretanto, a formação oferecida na atualidade vem sendo induzida, principalmente, pela esfera econômica, pautando-se nos objetivos empresariais de eficiência, eficácia e otimização no uso de recursos, técnicas prontas alimentadas pelo aligeiramento dos percursos formativos, no sentido de alcançar as metas impostas pelas avaliações externas (LIBÂNEO, 2020).

O ensino superior vem se defrontando com ataques de múltiplas ordens, sobretudo no que diz respeito à dimensão de desvalorização das suas funções sociais, a partir de políticas recomendadas por organismos internacionais empresariais, que anulam a autonomia docente como um ser pensante, aprendente e produtor de conhecimentos sobre sua ação, e também silenciam

sua dimensão prática enquanto espaço-tempo de consolidação de aprendizagens e de novas reelaborações. Tal anulação realoca a dicotomia teoria-prática com nova roupagem, isto é, parte da separação pensar/executar e produzir/reproduzir, direcionando-se ao alinhamento com avaliações externas meritocráticas e mercadológicas.

Almeida e Pimenta (2014, p. 9) explicam que, na lógica do mercado, o ensino de graduação apresenta-se numa dimensão de consumo, na qual “os estudantes são considerados apenas elos do sistema no qual a aprendizagem é rápida e ligeira, exigindo apenas o suficiente para se obter créditos e diplomas”. Nessa esteira, Veiga e Silva (2020) sinalizam a manifestação da sujeição das instituições de ensino brasileiras, pavimentada nos indicadores estandardizados, levando à inibição de projetos próprios de gestão e de inovações pedagógicas.

Tomando os apontamentos acima, percebe-se o agravamento dos fatores atinentes à docência universitária ao se associar às dramáticas repercussões da pandemia de COVID-19 com a intensificação das desigualdades sociais e da exclusão digital, impedindo a potencialização da formação e da aprendizagem dos alunos na mediação do ensino remoto. Segundo Santos (2009; 2020) a exclusão digital é um novo segmento da exclusão social mais ampla, configurando-se num desafio político, pois os sujeitos impedidos “nem podem ser considerados excluídos, uma vez que jamais tiveram acesso aos modos e aos meios de produção engendrados pelas tecnologias digitais em rede” (SANTOS, 2020, p. 483).

Nesse panorama, percebemos a urgência de um enfrentamento (re)inventivo em face à garantia e à defesa da educação pública, laica, inclusiva digitalmente e socialmente referenciada na direção de construção de respostas instituintes nos fazeres e saberes cotidianos enlaçados na formação como processo contínuo e no papel das instituições de ensino superior no presente contexto da educação.

Para essa caminhada, apostamos na cibercultura, isto é, a cultura contemporânea mediada por tecnologias digitais, desenhadas desde as práticas cotidianas vivenciadas e tecidas por humanos no dia a dia, mais ou menos inventivo, ao mais alto nível de desenvolvimento científico e tecnológico forjado por coletivos e instituições, pois “compreender os fenômenos que

emergem da cibercultura, atuando no protagonismo cotidiano, nos permite *aprenderensinar* forjando práticas e dispositivos” [...] (Santos, 2020, p.485).

Com a autora, percebemos novas possibilidades de aprendizagens no ensino superior potencializadas pela criação coletiva e em rede, pois esta

ganha potencialidade no engendramento de ampliada composição comunicativa, sociotécnica, que se atualiza a cada relação e conexão que estabelecemos em qualquer ponto da sua extensão. Tempo e espaço ganham novos arranjos influenciando novas e diferentes sociabilidades (SANTOS, 2009, p. 5662).

Embebidos desta perspectiva coletiva e em rede no diálogo com a ementa da disciplina a ser ministrada por um dos autores, em instituição pública de ensino superior, denominada Pesquisa e Prática Educativa II, que busca desenvolver compreensões do trabalho docente nos anos iniciais, planejamos ações que promovessem nos estudantes a imersão em processos de socialização docente conectada ao ciberespaço, “espaço telemático habitado por seres humanos em processos de comunicação com a internet” (SANTOS, 2020, p. 485), reconhecendo-o como práticas sociais em relação com a educação-comunicação-tecnologia em dispositivos móveis (notebooks, laptops, tablets e celulares).

Apostamos na potencialidade da mobilidade nos movimentos formativos no sentido de tracejar caminhos aprendentes e emancipatórios em contextos multirreferenciais. Em Santos (2020), justificamos esse entendimento ao pontuar que a nossa mobilidade vem mudando radicalmente em diferentes níveis: física (quando nos deslocamos fisicamente com o nosso corpo), cognitiva (quando nos deslocamos em imaginação e pensamento) e informacional (quando nos deslocamos com nossas informações, compartilhando mensagens, principalmente com o desenvolvimento do digital em rede).

Assentados na ideia de deslocamentos, desenhamos o desenvolvimento da disciplina fomentando a inventividade e autoria nos percursos singulares de cada estudante em relação e conexão no ciberespaço, tecendo avizinhamentos reflexivos entre os graduandos e os professores dos anos iniciais, por meio de conversações *online*, pesquisas colaborativas em rede que ressignifiquem os artefatos comunicacionais (celulares e mídias na internet) em artefatos didáticos produtores de conhecimentos, em sincronia com os desafios plurais do tempo presente.

Tomamos a itinerância experimentada no formato de ensino remoto na disciplina Pesquisa e Prática Educativa para tecer perspectivas propositivas sobre/com a didática no ensino superior com os achegamentos provocados em nós e nos outros em interface com a cibercultura, indagando: Como ressignificar o exercício da docência com os dispositivos digitais no sentido de potencializá-los enquanto artefatos didáticos? Ressaltamos que não buscamos respostas prescritivas, mas sim sinalizações e polinizações coletivas, que evidenciem os significados que nos escapam na direção de um ensino mais interativo e propositivo frente às interferências mercadológicas na constituição da docência na Educação Superior sob a ótica da racionalidade técnica, conjugando o conhecimento pedagógico e experiencial à concepção de aprendizagem em rede.

Concordamos com Veiga e Silva (2020, p. 44) quando pontuam sobre o atual cenário político e educacional no qual a didática do ensino superior encontra-se mergulhada, sofrendo secundarizações e inibições diante de uma formação atrelada a políticas que “pouco avançam na qualificação dos processos didáticos organizados para criar condições favoráveis para que os estudantes compreendam e transformem a realidade”. Dessa forma, reforçamos nossa defesa de que se faz urgente construir abordagens e perspectivas outras a favor da autonomia universitária, docente e didática, com foco na transformação social, questionando modelos financistas e neoliberais no enfrentamento ao desmonte da educação pública promovido pelas atuais políticas públicas não condizentes com o que acreditamos ser as funções da universidade.

Inventividade e aprendizagem em rede com a didática no ensino superior

O presente texto parte do reconhecimento da Didática como base formativa, epistemológica e de reconstrução permanente do devir docente (CANDAU, 2020; LIBÂNEO, 2020, VEIGA; SILVA, 2020; FONTOURA, 2019; CRUZ, 2017). Diante desses aspectos, sustentamos nossa percepção da Didática enquanto basilar para constituição-expressão da docência, por entender que o ofício de ensinar para o desenvolvimento humano integra saberes diversos, conhecimentos especializados e domínio de conteúdo.

Recortamos para o espaço das reflexões aqui tecidas, a Didática contextualizada no ensino superior em uma universidade pública federal do interior

fluminense. Almeida e Pimenta (2014) explicam que a universidade é uma instituição educativa cuja finalidade é o permanente exercício da crítica, sustentada na pesquisa, no ensino e na extensão, com foco na construção de conhecimento, a partir da problematização dos saberes historicamente produzidos e de seus resultados na construção da sociedade humana e dos novos desafios e demandas que esta coloca. Tais desafios dialogam com o processo de ensinar e com as relações estabelecidas entre os sujeitos e os objetos de conhecimento.

No que tange ao ensino e suas relações, Fontoura (2019) encaminha sinalizações vivazes no diálogo com a Didática, assumindo-a enquanto lugar e (con)texto de resignificação das práticas de atuação e dos espaços da docência, ressaltando que a contribuição principal da Didática refere-se ao fornecimento de subsídios para criar condições para que alunos tenham um ensino e uma aprendizagem significativos e que façam sentido tanto para o aluno quanto para o professor.

Compreendemos que a didática ao longo de sua trajetória histórica, iniciando no século XVII com a Didática Magna, até os dias atuais, tem sido envolta numa multiplicidade de discussões, controvérsias e problemáticas. Entendemos que o seu eixo nuclear relacionado aos contextos sociopolíticos e culturais na produção de respostas à relação escola e sociedade impulsiona as ardorosas e intensas conversações.

Segundo Fontoura, Pierro e Chaves (2011), há uma crise de identidade que atravessa a Didática, desencadeada principalmente pela tríade concepção-programas-formação no sentido das associações ao tecnicismo ou a um mero guia. Para as autoras, o objeto da Didática é complexo e por esta razão necessita de estudos que a apresentem como campo de saber que tem sua importância de ser e existir para além de um mero guia de ações pedagógicas. Candau (2020), nessa mesma linha, sinaliza para a necessidade de resignificar o conhecimento do campo, construindo abordagens e perspectivas que ofereçam elementos significativos aos desafios do cotidiano escolar.

Das diversas críticas que englobam a Didática, destaca-se particularmente a distância entre os temas abordados e as questões presentes no praticar a docência. Para Libâneo (2020), a chave para explicar a dificuldade do pensamento didático brasileiro em auxiliar os processos

formativos, deve-se ao modo de tratar pedagogicamente o conteúdo a partir de sua lógica própria. Nesse sentido, pontua o autor a necessária priorização da pesquisa didática na escola e no ensino, direcionando compreensões da prática e do domínio dos instrumentos de exercício profissional, ressaltando que “não se trata da técnica pela técnica, mas de associar modos de fazer mais eficazes com os princípios que lhe dão suporte” (LIBÂNEO, 2020, p. 60).

Quando olhamos para didática do ensino superior, a situação torna-se mais complexa, conforme sinalizam Veiga e Silva (2020), devido à falta de identidade. As autoras explicam que a didática do ensino superior se constitui como área de pesquisa e de estudo de constituição recente composta de concepções epistemológica, metodológica e pedagógica em uma racionalidade crítico-emancipatória fundamentada no ensino, na pesquisa, na extensão, na docência e na inovação. Contudo, destacam a existência de uma racionalidade técnica e instrumental, exigindo dos professores do magistério superior um olhar com base nos marcos sociais e na perspectiva problematizadora.

Os estudos sobre a didática e docência no ensino superior começaram a ganhar visibilidade, segundo Cruz (2017), com os trabalhos de Cunha (1998; 1999; 2006; 2007; 2008; 2010), Castanho e Castanho (2001), Anastasiou (2001), e Pimenta e Anastasiou (2002), devido, sobretudo ao fato de que a docência universitária tem sido fortemente marcada pela ciência moderna e sua ênfase na racionalidade técnica, elevando o peso do conhecimento específico da área e subalternizando a importância da formação pedagógica.

Veiga e Silva (2020) explicitam que o processo de construção da didática do ensino superior parte da conexão entre os campos epistemológico e metodológico, unindo o conhecimento científico da educação superior, compreendendo o ensino na sua totalidade na articulação com os saberes globais e locais com os diferentes atores e contextos. Tem por base os marcos sociais, a teoria da educação e novos temas socializadores, emergentes e abertos à reflexão didática como a intencionalidade da educação superior e seus objetivos, os critérios de seleção e organização de conteúdos acadêmicos, as metodologias participativas e as técnicas de ensino e aprendizagem, assim como os recursos didáticos e tecnológicos.

Nesse sentido, apostamos nas diversas linguagens do ciberespaço em fruição com os dispositivos móveis e digitais para pensar os processos

didáticos no ensino superior ancorado na cibercultura como componente que alinhava imagens e sons na construção de autorias metodológicas com horizontalidade e pluralidade de sentidos entre docentes e estudantes, pois como bem destaca Santos (2020, p. 490), “um dos papéis dos professores em nosso tempo é criar, mediar e avaliar ambiências formativas que busquem forjar ampliação de repertórios culturais e científicos para com nossos estudantes, formando-os e nos formando”.

Nutridos dessas ancoragens reflexivas, desenvolvemos nossas aulas da disciplina Pesquisa e Prática Educativa, integralizada no contexto de uma universidade pública federal do interior fluminense, ocorridas no período de outubro-dezembro 2021 e janeiro-fevereiro de 2022, no formato síncrono/assíncrono via plataforma *Meet* e com interações no *Google Classroom*. Em todos os encontros, entrelaçávamos o diálogo com um texto de apoio, socialização do diário digital de formação e conversação com uma professora dos anos iniciais do ensino fundamental. Os encontros foram gravados mediante autorização dos participantes.

Com duração de duas horas, cada aula foi nomeada pelo assunto que teceria as problematizações, conforme segue: O espaço/tempo do estágio e seus percursos de (trans)formação; Sobre o aprender a docência; Atividade teórico-prática docente; Estratégias de ensino baseadas no saber-fazer escolar; Autonomia, diversidade e desafios no Anos Iniciais; Ensino para compreensão; Conhecendo a vida da sala de aula; A dimensão heurística da prática escolar nos anos iniciais; A relação entre escola e práticas interculturais; Narrativas de aula: reflexões sobre as práticas realizadas ou por realizar.

O caminhar metodológico do presente trabalho se assenta na abordagem qualitativa, tendo a pesquisa-formação como fundamento metodológico (JOSSO, 2004; 2020) para entendermos as narrativas discentes textualizadas nos diários digitais de formação no percurso das aulas síncronas e assíncronas e dos comentários na plataforma Classroom como “ponto de apoio para um questionamento e uma busca” (JOSSO, 2020, p. 46). Segundo a autora, na pesquisa-formação cada etapa é uma experiência de reflexão teórica sobre a formação e os processos por meio dos quais ela se dá a conhecer.

O diário digital de formação foi desenhado a partir de dois movimentos: o primeiro refere-se à ancoragem teórica, a qual sustentamos no diário criativo (ZABALZA, 2004) entendido como uma modalidade de narração que contrasta as dimensões objetivo-descritivo e reflexivo-pessoal, conjugando os âmbitos de desenvolvimento profissional, dos dilemas da realidade, do mundo pessoal e da avaliação e reajuste dos processos. O segundo, igualmente importante, envolveu a demanda social e pedagógica dos estudantes, que elegeram o dispositivo celular como suporte para acompanhamento das aulas por meio de programas que não exigissem um grande volume de dados de internet nem da memória física dos aparelhos.

Unindo ancoragem teórica e demandas existenciais dos estudantes, tracejamos o diário digital de formação que teve como materialização o aplicativo *Notes* dos dispositivos celulares para textualizar suas impressões sobre as aulas e os diálogos desenvolvidos, em busca de associar crítico-reflexivamente o conhecimento prático-profissional com o acadêmico. As narrativas, frutos das associações, tiveram como objetivo gerar/provocar a criatividade intelectual nos estudantes no sentido de colocar “o sujeito da narrativa em contato consigo mesmo, com esse ‘si mesmo’ que tomou e continua a tomar formas múltiplas e que se transforma por meio delas” (JOSSO, 2004, p. 121).

Para análise dos dados e compreensão das narrativas, escolhemos a tematização (FONTOURA, 2011), que consiste em uma técnica de identificação dos núcleos de sentido que compõem a comunicação a partir da organização das informações coletadas articuladas com uma fundamentação teórica bem estruturada. Dessa forma, tem-se como procedimentos a leitura atenta para precisão dos focos, demarcação e delimitação do *corpus* de análise (inicialmente em recortes do texto em unidades de registro podendo ser ideias, palavras, frases), levantamento dos temas, definição das unidades de contexto (trechos mais longos) e unidades de significado (palavras ou expressões) e o tratamento dos dados.

Acreditamos que clarificando as dimensões pedagógico-didáticas nos diários digitais de formação que se fundamentaram e se materializaram no cotidiano das aulas síncronas e assíncronas em interface com o conceito de cibercultura podemos descortinar modos de enfrentar propositivamente as interferências na constituição da docência na Educação Superior sob a ótica da

racionalidade técnica, conjugando o conhecimento pedagógico e experiencial à concepção de docência.

Mobilizações didáticas na disciplina Pesquisa e Prática Educativa II: achegamentos narrativos com a cibercultura

Trazemos agora reflexões tecidas por estudantes em seus diários digitais de formação, no sentido de evidenciar os enfoques teórico-metodológicos e percepções que possam nutrir proposições para uma didática da educação superior pavimentada no “ensino que lida pedagogicamente com a educação” (VEIGA; SILVA, 2020) numa perspectiva democrática, crítica, justa cognitivamente e inclusiva digitalmente.

Para o espaço deste artigo, elegemos a narrativa de quatro estudantes graduandos em Pedagogia, que cursavam o 8º período, sendo três do gênero feminino e um do gênero masculino na faixa etária de 19 a 27 anos. Como forma de respeitar os procedimentos éticos de confidencialidade e sigilo da pesquisa com humanos, optamos por nomear os estudantes com as seguintes letras L, M, V, R.

Apresentamos as análises dos diários digitais de formação com as narrativas no formato de imagens por entender que essa escolha tornará visível ao leitor o modo como os estudantes teceram seus pensares. Iniciamos com o diário da estudante V, que traz uma gravura com elementos cartográficos que nos sugere a ideia de viagem.

Figura 1 – Viagem formativa



Fonte: Elaborado pelo autor 1.

Depreendemos da imagem acima aspectos que perpassam a ação de viajar. No processo de formação nutrimo-nos de múltiplas perspectivas, de diálogos coletivos e plurais que descortinam a constituição do ethos profissional. Santos (2020) compara a viagem com uma das mais importantes experiências formativas do ser humano, no qual a aprendizagem é derivada dos deslocamentos da zona de conforto em alteridade. Destaca que, no ciberespaço, viajar constitui uma experiência estética em rede com os saberes humanos, com as coisas e com o ambiente.

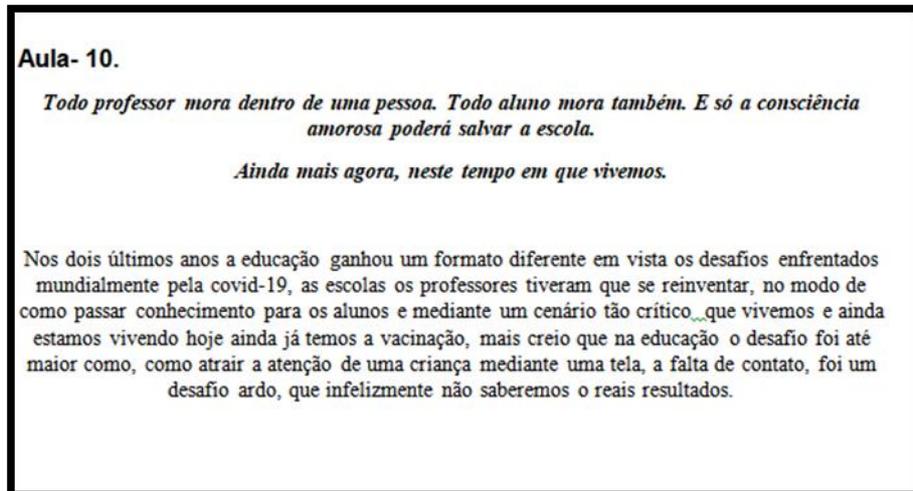
Inferimos que o desenvolvimento da disciplina Pesquisa e Prática Educativa II no ensino remoto ressignificou o dispositivo celular transformando-o em uma via de saída do isolamento imposto pela Covid-19, de construção de outros caminhos para a formação pautado por saberes contingenciais e existenciais. Identificamos nesse ponto sinalizações para a didática na cibercultura, pois, como explica Cruz (2017), sendo a didática o domínio de conhecimento sobre o processo ensino-aprendizagem e sendo o ensino a ação que especifica a função docente, os saberes que o professor possui, mobiliza, transforma e recria, a partir de nova compreensão, fazem a didática em si.

Identificamos reflexões englobando a noção de identidade docente com reconhecimentos da autoria e protagonismo no processo de formação

assumido enquanto entrelaçamento pessoal-profissional de cada sujeito no enfrentamento com as questões colocadas pela realidade escolar.

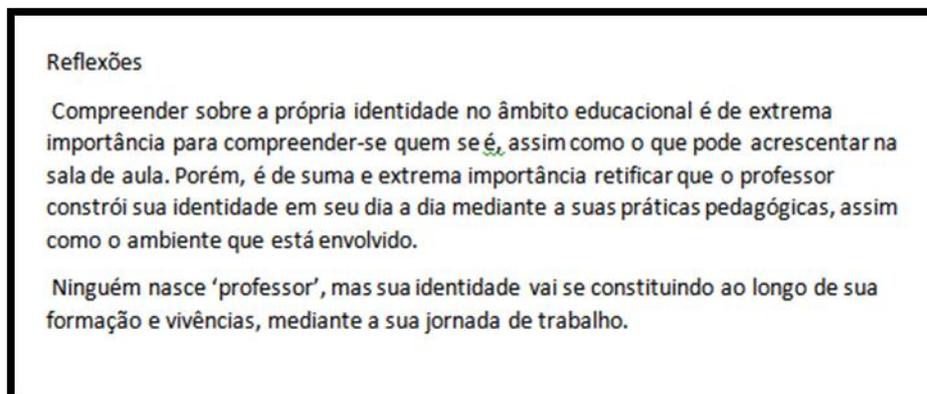
Ilustramos tal percepção nas figuras 2 e 3 das estudantes V e R, respectivamente:

Figura 2 – Identidade docente



Fonte: Elaborado pelo autor 1.

Figura 3 – Identidade docente



Fonte: Elaborado pelo autor 1.

A estudante V inicia sua escrita reflexiva ancorando em uma citação que enfatiza a personalidade do professor e a consciência necessária para promover transformações no dia a dia das salas de aula, efetuando um especial destaque aos desafios que o contexto pandêmico apresenta aos docentes e à própria escola. Sinaliza a reinvenção pessoal-profissional enquanto caminho vivaz para a construção de respostas adequadas às demandas existenciais.

Seguindo nesta esteira perceptiva, a estudante R afirma, “[...] é preciso saber quem se é [...]” para construir respostas que “acrescentem” na sala de aula. Vemos o reforço da dimensão consciencial para perceber-se como autor na promoção de respostas emancipatórias, críticas e justas cognitivamente. Assumimos que na atualidade da conjuntura educacional brasileira torna-se de suma importância a consciência dos fatores que impedem o exercício intelectual e autoral da docência, como bem asseveram Veiga e Silva (2020, p. 44), quando trazem que tem “se questionado o papel da escola no cumprimento de sua função social precípua de garantir as aprendizagens a todos os estudantes, ao mesmo tempo em que são apresentadas propostas que confrontam a escola, instituição formal de educação”.

As textualidades das estudantes V e R recolocam a identidade docente em novo espaço, o da reinvenção do ser, estar e do fazer pedagogicamente. Acreditamos no potencial da cibercultura fomentando esse novo espaço, pois conforme aponta Santos (2020, p. 483), tudo passa hoje por mediações diretamente ligadas ao digital e em rede com a qual “criamos e inventamos nossa existência, para com ela operar em ato, em ato de currículo”. Fontoura (2019, p. 298) conflui assertivamente, ponderando sobre os achegamentos identitários nos currículos das universidades, trazendo que, na

atualidade, as instituições responsáveis pela formação de professores buscam, ao desenhar seus currículos, políticas que caminhem para a consolidação de um/a professor/a que se reconheça sujeito e ator no processo educacional de forma que a noção de identidade indique autoria e compromisso com a educação.

Os estudantes L e M apresentados a seguir nas figuras 4 e 5, textualizam a sua escuta da experiência docente com palavras ouvidas sobre os desafios e as possíveis artesanias que enlaçam professores e estudantes ao cotidiano escolar. As aulas escolhidas foram dinamizadas dialogicamente com duas professoras dos anos iniciais regentes do 1º e 4º ano do ensino fundamental nas cidades de São Gonçalo/RJ e Itaboraí/ RJ, que trouxeram um pouco do dia a dia das suas atuações para nossa aula síncrona.

Figura 4 – Experiência docente

Aula 8

Sempre é bom ouvir a experiência do outro. A professora Rey Vieira tem muita experiência que ultrapassa qualquer teoria. Durante a apresentação me pôs no lugar dela. Seja nas dificuldades, desafios e alegrias. Afinal, a fala dela foi muito pessoal. Ouvir as vozes na escola ao mesmo tempo que ela transmitia anos de experiência em diferentes áreas foi maravilhoso. Só vivencie tal aproximação com futuro pedagogo nos estágios presenciais e na mediação.

Fonte: Elaborado pelo autor 1.

Figura 5 – Experiência docente

18/11/2021

Na aula de hoje recebemos a convidada Bruna Silva que leciona atualmente no 4º ano da rede municipal da prefeitura de São Gonçalo. Bruna trouxe várias de suas ricas experiências na área da educação, relatando de forma bem precisa a realidade do cotidiano escolar do local em que atua.

Um dos aspectos que destaco de suas falas é o seu compromisso e empenho com sua profissão. O início de sua trajetória não foi fácil. Bruna passou por situações discriminatórias assim que iniciou sua vida profissional como auxiliar de turma, e após passar no concurso público foi convocada para lecionar em uma escola dentro de uma comunidade que era e ainda é um local temido pelo grande número de violência.

No entanto, ela não desistiu do seu local de atuação, pois estava decidida a seguir na luta com aquelas crianças para cumprir o seu papel social enquanto educadora. Uma de minhas perguntas para ela além dessas experiências no início de sua carreira foram em relação aos obstáculos/desafios que ela enfrenta no dia a dia em sala de aula.

Fonte: Elaborado pelo autor 1.

Evidenciamos nas reflexões acima o potencial do entrelaçamento entre a escuta e a experiência nos movimentos de formação docente, uma escuta que seja ativa, daqueles que participam no sentido de configurar palavras ouvidas. Ambos os estudantes reforçam a alegria desse encontro que ecoou aproximações com seus desejos, medos e anseios na elaboração do estar profissionalmente na docência.

Inferimos que a escuta ativa, sinalizada pelos estudantes L e M, dialoga com o apontamento de Almeida e Pimenta (2014) sobre a necessidade de encontrarmos maneiras de superar o “fosso intransponível” que separa a cultura acadêmica dos jovens estudantes. Acreditamos que “ouvir” e aproximar-se da realidade tecida pelos sujeitos que dela fazem parte imersivamente, em nosso caso, os professores dos anos iniciais, pode comungar com que Almeida e Pimenta (2014) entendem como necessário para criar uma nova cultura

acadêmica na graduação, na qual destacamos o desenvolvimento nos estudantes de uma postura frente ao saber problematizado (e não transmitido) pelas informações, garantindo a sua formação como cidadão e profissional com pensamento autônomo, engajado em um processo que lhes permita interrogar o conhecimento elaborado e pensar criticamente.

Essa percepção alinha-se como possibilidades da didática no ensino superior em conversa com a cibercultura tracejando novas operações conceituais teórico-práticas para atuar em práticas outras, muitas vezes já imbricadas nas e pelas relações no ciberespaço. Dessa forma, os dispositivos móveis (laptops, tablets, celulares) com seu potencial de superar a separação entre cidades e ciberespaço, contribuem para desenhos didáticos inventivos e autorais no esforço de construir uma docência epistemologicamente curiosa.

Vemos em Santos (2020) uma convocatória importante, de que não podemos deixar de forjar e inventar a própria metodologia, para com ela aprender e nos autorizarmos também como intelectuais multirreferenciais na cibercultura. Nessa acepção, Veiga e Silva (2020, p. 48) complementam, que se torna necessário

organizar o processo didático pautado pela unicidade teoria-prática, conteúdo-forma, ensino-aprendizagem, professor-estudante, finalidades-objetivos-avaliação; tomando por base os marcos sociais, as teorias da educação e as que regem a multidimensionalidade do processo didático: humano, técnica e político-social.

Conjungando as textualidades registradas pelos estudantes L, M, V, R nos diários digitais de formação, podemos depreender um elo promotor de avizinhamentos propositivos e formativos no diálogo entre didática do ensino superior e mídias digitais que se manifestam na cibercultura. Um elo alinhavado na autoria metodológica com a singularidade de cada sujeito tracejada no coletivo docente e discente, pautando-se na inventividade frente aos dispositivos móveis na reapropriação formar/formar-se coletivamente. Nesse sentido, afirmamos que uma formação que desenvolva saberes e posturas no contexto do avanço das tecnologias digitais efetua uma pluralidade de convocatórias, dentre elas, aos docentes que precisam acolher e olhar para a dimensão do ciberespaço em suas aulas; as instituições educativas no que tange às necessárias estruturações pedagógicas, físicas e metodológicas e as

políticas educacionais, financiando, estimulando e apoiando equitativamente as práticas das instituições e dos docentes.

Apontamentos conclusivos

O presente texto teve a intenção de anunciar reflexões e compreensões sobre as possibilidades da didática do ensino superior no diálogo transversal com a cibercultura, no sentido de tecer perspectivas propositivas que enlacem os estilos de aprendizagem com as mídias digitais. Para isso, tomamos a itinerância experimentada no formato de ensino remoto da disciplina Pesquisa e Prática Educativa II desenvolvida no período de fechamento da universidade, indagando os processos realizados e os dispositivos utilizados para clarificar os saberes digitais, costurado na seguinte questão movente: Como ressignificar o exercício da docência com os dispositivos digitais no sentido de potencializá-los enquanto artefatos didáticos?

Apostamos na cibercultura, isto é, a cultura contemporânea mediada por tecnologias digitais, desenhadas desde as práticas cotidianas vivenciadas para desenvolver e inspirar metodologias outras que considerem as questões e demandas do momento histórico atual, de defesa da inclusão digital e de emancipação na direção da dissolução da fragmentação sujeito-objeto-cultura.

Apreendemos com os estudantes, sujeitos deste estudo, que professores e alunos criam e recriam, durante a aula síncrona ou presencial, o processo didático: tomam decisões quanto à concepção, execução, avaliação do processo didático, quanto ao ensino, aprendizagem, pesquisa e avaliação. Veiga e Silva (2020) afirmam que a aula é o espaço onde o professor faz o que sabe, expressa o que sente e se posiciona quanto à concepção de sociedade, de homem, de educação, de escola, de aluno e de seu próprio papel.

Nessa compreensão, evidenciamos nas textualidades registradas pelos estudantes L, M, V, R nos diários digitais, que a formação conjuga o formar-se pessoal e profissionalmente, nutrindo de múltiplas perspectivas teórico-conceituais, de diálogos coletivos e plurais. Destacaram que os novos desafios do ensino superior em diálogo com a tecnologia pautam-se no fomento ao reconhecimento pelos estudantes da autoria e do protagonismo no processo de formação assumido enquanto entrelaçamento da constituição permanente da identidade docente em novo espaço, o da reinvenção do ser, estar e do fazer pedagogicamente.

Apontam que a contribuição da didática do ensino superior para a docência com os dispositivos digitais descortina-se pela ressignificação do ciberespaço numa dinâmica de escuta ativa daqueles que participam, vislumbrando a configuração de palavras ouvidas no coletivo problematizado pelas complexidades da realidade e da multirreferencialidade da escola enquanto prática social.

Acreditamos que as mídias e dispositivos digitais têm muito a contribuir com os processos didáticos, em especial no ensino superior; contudo, isso exige posicionamento de professores e estudantes no que concerne ao seu papel social, tendo em vista a construção de respostas às demandas expressas pela sociedade e pela profissão, promovendo a curiosidade epistemológica na direção de achegamentos e artesanias docentes em práticas pedagógicas mais democráticas, justas socialmente e cognitivamente, e ainda inclusivas digitalmente para atender e potencializar a formação de todos.

Concluimos apostando na didática do ensino superior que se reinventa na prática pedagógica por intermédio de posicionamentos críticos e reflexivos com o objeto estudado, isto é, fomentando e forjando uma Educação Superior articulada às tecnologias digitais que inspirem a ação de professores e alunos, possibilitando deslocamentos conscientes sobre o que ocorre na aula, com base em conexões com a realidade social e com as intencionalidades da formação.

Referências

ALMEIDA, M. I.; PIMENTA, S. G. Pedagogia universitária: valorizando o ensino e a docência na universidade. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 27, n. 2, p. 7-31, 2014. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/6243>. Acesso em: 07 maio 2023.

ANASTASIOU, L. G. C. Metodologia de ensino na universidade brasileira: elementos de uma trajetória. In: CASTANHO, S.; CASTANHO, M. E. (Orgs.). *Temas e textos em metodologia do ensino superior*. Campinas: Papirus, p. 57-70, 2001.

CANDAU, V. M. Didática: revisitando uma trajetória. In: CANDAU, V. M.; CRUZ, G. B.; FERNANDES, C. (Orgs.). *Didática e fazeres-saberes pedagógicos: diálogos, insurgências e políticas*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 22-32, 2020.

CASTANHO, S.; CASTANHO, M. E. (Orgs.). *Temas e textos em metodologia do ensino superior*. Campinas: Papirus, 2001.

CRUZ, G. B. Didática e docência no ensino superior. *Rev. bras. Estud. pedagog.*, Brasília, v. 98, n. 250, p. 672-689, set./dez. 2017.

CUNHA, M. I. *O professor universitário na transição de paradigmas*. Araraquara: Junqueira & Marin, 1998.

CUNHA, M. I. Trabalho docente e ensino superior: *In: RAYS, O. Trabalho pedagógico: realidades e perspectivas*. Porto Alegre: Sulina, p. 213-225, 2006, 1999.

CUNHA, M. I. (Org.). *Pedagogia universitária: energias emancipatórias em tempos neoliberais*. Araraquara: Junqueira & Marin, 2006.

CUNHA, M. I. (Org.). *Reflexões e práticas em pedagogia universitária*. Campinas: Papyrus, 2007.

CUNHA, M. I. Os conceitos de espaço, lugar e território nos processos analíticos da formação dos docentes universitários. *Revista Educação Unisinos*, São Leopoldo, v. 12, n. 3, p. 174-181, set./dez. 2008.

CUNHA, M. I. (Org.). *Trajetórias e lugares de formação da docência universitária: da perspectiva individual ao espaço institucional*. Araraquara: Junqueira & Marin, 2010.

FONTOURA, H. A.; Pierro, G. M. S.; Chaves, I. M. C. *Didática: do ofício e da arte de ensinar*. Niterói: Intertexto, 2011.

FONTOURA H. A. Tematização como proposta de análise de dados na pesquisa qualitativa. *In: Fontoura H. A. (Org.). Formação de professores e diversidades culturais: múltiplos olhares em pesquisa*. Niterói: Intertexto, 2011. p. 61-82.

FONTOURA, H. A. da. Meu nome é professor/a: sobre aprender a docência e identidades. *Revista de Educação Pública*, [S. l.], v. 28, n. 68, p. 297-310, 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/8391>. Acesso em: 10 abr. 2023.

JOSSO, M. C. *Experiências de vida e formação*. Trad. José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, M. C. Histórias de vida e formação: suas funcionalidades em pesquisa, formação e práticas sociais. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 5, n. 13, p. 40-54, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/8423>. Acesso em: 08 abr. 2023.

LIBÂNEO, J. C. Implicações epistemológicas no campo teórico, investigativo e profissional da Didática e desafios políticos e pedagógicos-didáticos em face ao desmonte da educação pública. *In: CANDAU, V. M; CRUZ, G. B.;*

Fernandes, C. (Orgs.). *Didática e fazeres-saberes pedagógicos: diálogos, insurgências e políticas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. p. 48-64.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. das G. C. Docência no Ensino Superior: construir caminhos. In: BARBOSA, R. L. L. (Org.). *Formação de educadores: desafios e perspectivas*. São Paulo: Ed. UNESP, 2003. p. 267-278.

SANTOS, E. Caminhar ubíquo como dispositivo de pesquisa-formação na cibercultura: a insurgência de práticas educativas na relação *cidadeciberespaço*. In: CRUZ, G. B.; FERNANDES, C.; FONTOURA, H. A. M, S. (Orgs.). *Didática(s) entre diálogos, insurgências e políticas*. Rio de Janeiro: Petrópolis; Faperj. CNPq; ENDIPE/DP et Alii, 2020. p. 482-489.

SANTOS, E. Educação *online* para além da EAD: um fenômeno da cibercultura. *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. Braga: Universidade do Minho, 2009. Disponível em: <https://cedupindustrialdelages.com.br/?p=2376>. Acesso em: 17 fev. 2023.

VEIGA, I. P. A. Docência universitária na educação superior. In: SEVEGNANI P.; RISTOFF D. (Org.). *Docência na educação superior*. Brasília: Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006. p. 85-96.

VEIGA, I. P. A.; SILVA, E. F. Para onde vão a didática geral da educação superior e as didáticas específicas? In: VEIGA, I. P. A.; FERNANDES, R. C. A. *Por uma didática da educação superior*. Campinas-SP: Editora Autores Associados, 2020. p. 41-60.

ZABALZA, M. A. *Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Contribuição dos autores

Os autores contribuíram de forma equitativa na construção do texto. Coube ao Autor 1 coletar as narrativas já que era docente da turma em tela. Análises e escritas foram compartilhadas.

Recebido em: 30/10/2023.

Aceito em: 10/01/2024.

Sandro Tiago da Silva Figueira

Doutor em Ciências, Professor Adjunto no Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal Fluminense (UFF/INFES). Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

 figueiras.tiago@gmail.com
 <http://lattes.cnpq.br/3103883999232068>
 <http://lattes.cnpq.br/3103883999232068>

Helena Amaral da Fontoura

Doutora em Ciências, Professora Titular do Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisadora 2 CNPq. Cientista do Nosso Estado FAPERJ. Membro do ISATT (International Study Association on Teachers and Teaching).

 helafontoura@gmail.com
 <http://lattes.cnpq.br/4270456085309197>
 <https://orcid.org/0000-0003-2795-8246>